

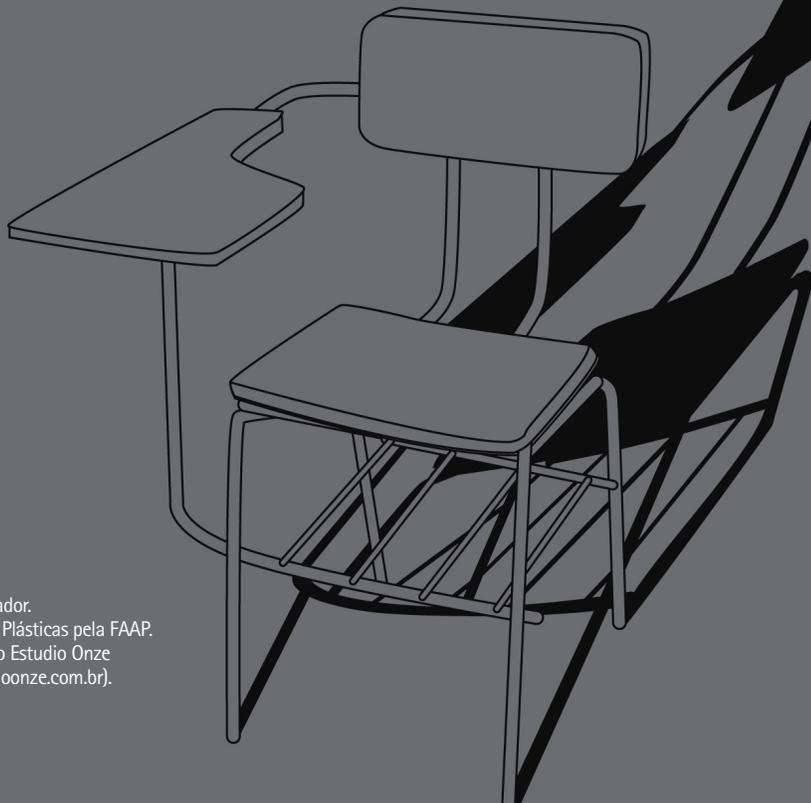
# [moda na filosofia]

[ ROSANE PRECIOSA ]

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP, professora e pesquisadora da Pós-Graduação em Design da Universidade Anhembi Morumbi, autora do livro *Produção estética - notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida* (São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005).

E-mail: [rosane\\_preciosa@yahoo.com.br](mailto:rosane_preciosa@yahoo.com.br)

Caio Borges, ilustrador.  
Formado em Artes Plásticas pela FAAP.  
Integra a equipe do Estudio Onze  
(<http://www.estudioonze.com.br>).



# Sobre idéias, afetos e salas de aula

Uma aula é uma expedição feita ao redor de uma sala. Sala essa, na maioria das vezes, inadequada às exigências mirabolantes do pensamento, que reclama um espaço generoso para ensaiar sua variada coreografia. Uma sala de aula abandonada à solidão de quatro paredes e à disposição monótona de uma interminável fileira de carteiras, compradas aos lotes, parece desacreditar que dali surjam quaisquer idéias arrebatadoras, idéias a que nos abandonaríamos, porque estamos enfeitados por suas promessas imaginativas. Diante de um cenário desértico como esse, talvez seja possível contar menos com o acolhimento do local e muito mais com a disponibilidade daquele que deseja partir em viagem.

Das infinitas formas de viajar, cuja catalogação seria praticamente impossível, proponho ao menos destacar duas categorias de viajantes: a primeira, refere-se àqueles que tem pressa de chegar logo a algum lugar, e quanto mais rápido melhor. E o olho dispara ávido pela superfície das coisas que vê e vai pilhando toda espécie de informação que puder encontrar pela frente. Esse tipo de viajante crê mesmo que manipular uma quantidade descomunal de informação o tornará um ser mais completo. E passa então a consumir informações que provoquem nele a certeza de que, agora sim, está adequadamente instrumentalizado para conhecer melhor o que quer que seja. Mas tanta profusão pode apenas dissimular uma exaustiva cadeia de homogeneidades: um dado adicionado a outro, e o resultado pode ser apenas uma monótona soma de iguais. Ele vivencia uma situação bastante paradoxal, a meu ver, está empanurrado de tanta informação, mas vive sob o regime das máquinas copiadoras, na mais indigente capacidade de invenção de si mesmo.

A segunda categoria diz respeito aos que privilegiam o acontecimento da viagem. Deliciam-se em se deslocar sem destino certo ou propósito definido. Movidos por uma espécie de força forasteira, pensam o impensável. Para estes, pensar é aventurar-se em conexões sem garantia alguma de êxito. Essa espécie de viajante esmera-se em inventar sentidos novos à realidade. Levantam vôos altos e aspiram a outras topografias para sua existência.

[ 27 ]

(...) a sala de aula nunca é um caos, com os alunos ocupando o espaço desordenadamente, mas há sempre uma ordem implícita que, se visa a possibilitar a ação pedagógica, traz consigo também a marca do exercício do poder, que deve ser sofrido e introjetado pelos alunos. (GALLO, 2003)

Continuamos a viver sob uma lógica escolar disciplinar que sustenta uma concepção espacial de sala de aula igualmente disciplinar, quer seja ela configurada de forma mais enfaticamente tradicional, quer não seja. Com isso pretendo dizer que não adianta nada recauchutar o espaço, conferindo-lhe ares interativos, se nele persistem ainda, impregnadas, as tais práticas disciplinares.

Uma sala de aula é um espaço político, existencial, estético. Nela, estão em jogo bem mais do que saberes acumulados, mas, sobretudo, outras expressões produtivas que por ali se infiltram: o cinema, a música, as viagens, as leituras desinteressadas e tantas outras coisas deliberadamente assistemáticas e insistentemente desqualificadas. E como nós, professores, podemos fortalecer o exercício experimental do pensamento?

Sublinharia, como projeto de aula, aquele que ambiciona uma lógica de funcionamento que encoraja o aluno a transitar pelo conhecimento, dialogando com o risco de cometer erros, já que não se trata de manejar uma provisão de saberes prévios. Ao contrário, o aluno é estimulado a elaborar suas idéias, de forma que encontre aquelas que para ele façam sentido. O oposto de uma prática mecânica que engessa a possibilidade de se inventar conceitos e, por que não acrescentar, afetos. Parece que esquecemos que somos corpos que vibram e desejam, e isso torna o espaço da aula o lugar por excelência de realização de um experimento que se atualiza em cada sujeito e se dissemina no coletivo, o contrário do ritual previsto da reprodução das idéias prontas.

Lembro-me das palavras de Roland Barthes, um pensador inclassificável, ao se referir à prática educativa como uma maternagem. Para ele, não se trata de transmitir

qualquer espécie de saber ou competência, mas o afeto. Está implícita nessa idéia de associar prática educativa à transmissão de afeto não o afago fácil ou qualquer espécie de indulgência. É a evocação de algo bastante consistente e sensível: o convite a caminhar por suas próprias pernas, já que o professor, nesse caso, deseja franquear espaço para que o conhecimento seja *performatizado*. Passa a existir então um outro nível de aliança, que vincula o saber ao desejo e à utopia.

No entanto, parece ser difícil nos libertarmos dessa imagem de exemplo profissional que construímos para nós mesmos. Escoltados por um saber formal, somos capazes de articular discursos competentes e absolutamente desonestos do ponto de vista existencial. E diante dos fluxos vitais que circulam pela sala sem nome próprio que os identifique, recuamos. E por quê? Porque diante deles as respostas-padrão em que nos escoramos se desmancham. Evitamos a qualquer custo quaisquer situações de desamparo e passamos a encarnar um tipo de subjetividade de prontidão, incapaz de aderir ao risco que é estar vivo e pensar autonomamente, pensar com risco.

Incapazes de ouvir os rumores que ecoam ao nosso redor, a sala de aula vira um *bunker* em que nos escondemos e nos defendemos das supostas ameaças de quem, no final das contas, talvez deseje apenas produzir um pequeno acontecimento, uma cintilância qualquer, empenhadamente arrancada do interior de sua própria precariedade. Sentimento esse que é reforçado por um autoritarismo que sempre se pautou pela idéia de que só podemos expor nossas idéias se elas estiverem suficientemente fundamentadas, rejeitando tudo que pareça desordenado, desalinhavado, inconcluso. Mas por que desprezã-las? Ninguém que esteja experimentando formular um pensamento tem de antemão idéias acabadas. Está buscando, especulando. É por aí que tudo se inicia.

E o que podemos fazer diante de uma prática educacional que desconsidera totalmente as hesitações, as falas fragmentárias, as dificuldades reveladas, as falhas teóricas? Em território tão árido, praticamente inexistente a possibilidade de um regime de simpatias e confiança. Torna-se quase impossível formar redes hospitaleiras para acolher a produção de pensamento e afetividade.

O que significa ser um professor hoje em dia? O que de fato temos a ensinar? Segundo Gallo, não existe nenhum controle absoluto sobre o processo de aprendizagem: "(...) sempre algo poderá fugir do controle, escapar pelas bordas, trazendo à luz um resultado insuspeitado, inimaginável".

Sem a garantia prévia dos resultados que se possa obter, é possível supor então que a relação de saber é construída sujeita a equívocos, desconfortos, conflitos, perplexidades. Mas não só. É exatamente neste improvável contexto que se realizam descobertas e encantamentos.

Estou convencida de que o conhecimento se potencializa ao se entrosar com os afetos. Eu diria mesmo que essa afinação é necessária na produção de espaços mais fluidos, que possam espantar as investidas sistemáticas do poder. E a sala de aula talvez possa converter-se em um campo de pouso de afetos, saberes e sabores, cada vez mais singulares.

Para finalizar, vamos nos transportar agora para uma sala de aula de um curso que prepara futuros Designers de Moda, ou, para expandir o campo, futuros profissionais de Moda. O que nós, professores-pesquisadores, desejamos ver circular nesse espaço de trocas e reverberações? Que repertórios sensíveis pretendemos fomentar? Que experimentações devemos estimular e acolher?

Para mim, projetos de criação em Moda devem se articular cada vez mais a uma progressiva conquista de espaços de intervenção cultural, política, estética e subjetiva. Necessitamos não só de outras formas de vestir, mas também de viver o nosso presente.

## REFERÊNCIAS

- GALLO, S. Deleuze e a educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.  
PERRONE-MOISÉS. Roland Barthes. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.